



Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

HÁ aspectos da nossa vida que, sendo da sua estrutura, por isso, naturalmente, menos visíveis, também por maioria de razão habitualmente pouco se falam. Se dentro da nossa Obra fazem parte do seu ser e agir, especialmente naqueles que os vivenciam, é fora que vão buscar a confirmação da sua validade e do acerto dos passos dados.

Nos já decorridos 72 anos de vida da Obra da Rua, o Espírito andou sempre à frente, abrindo caminho às realizações que se foram cumprindo e, umas poucas vezes, exprimindo-se em forma de letra como orientações para a vida presente e para o seu devir. Mas, na peugada de Pai Américo, os Padres da Rua nunca quiseram fazer obra sua, mas prestar o seu múnus de servir em união com a Igreja e no Seu nome.

Neste contexto, nos idos 25 anos de vida da Obra da Rua e quando se completavam nove sobre a morte de Pai Américo, nasceram e foram aprovadas as Normas de Vida dos Padres da Rua pelos Bispos com Sacerdotes seus ao serviço dela ou com a Obra presente em suas Dioceses. O «ande lá» que Pai Américo recebeu do seu Bispo, nesse tempo, confirmou-o nos trabalhos a que se ia dando, e foi a bênção e aprovação tidas como necessárias, que nós haveríamos de receber depois, também, nas nossas Normas de Vida.

É este *andem lá* que recebemos em 1965, dos nossos Bispos, que agora reproduzimos, porque o sentimos inteiramente actual e necessário para a vida da nossa Obra.

«Aprovação e bênção

No dia 16 de Julho [1965], três dias antes da data em que a Igreja celebra a festa litúrgica de S. Vicente de Paulo, o Apóstolo dos Pobres e o restaurador da vida eclesial da França do século XVII, ocorre o aniversário da morte do Padre Américo.

A sua passagem pelo mundo foi labareda que lhe queimou o coração no amor dos Pobres e que despertou na alma de muitos, desde a Metrópole ao Ultramar, a inquietante preocupação dos outros.

Só Deus sabe quantos — sacerdotes, religiosos e leigos — encontraram no seu exemplo, nas suas palavras ou nos seus escritos, a revelação ou o estímulo da autêntica caridade cristã.

Para empregar uma expressão bíblica que o Concílio consagrou, pode dizer-se que o Padre Américo tinha o «carisma» da evangelização dos Pobres.

Estes souberam retribuir-lhe na morte a dedicação que lhes consagrou na vida. O Porto e o País inteiro jamais esquecerão o espec-

táculo ao mesmo tempo doloroso e triunfal (se é lícito empregar aqui tal palavra) que foi o cortejo que o acompanhou à sepultura.

Durante anos inteiros, primeiro em Coimbra e depois em Paço de Sousa e mais ou menos

por todo o País, ele foi o «recoveiro» dos Pobres, visitando-os nas suas casas, atendendo-os nas suas necessidades, tomando à sua conta as crianças sem família ou em perigo moral.

Na educação das crianças o

Padre Américo foi um pedagogo que honra a gloriosa tradição da Igreja nesta matéria.

Nele o amor e a intuição levaram-no a descobrir o que noutros seria fruto da reflexão e do esforço. O carácter educativo do trabalho, a importância do espírito de iniciativa e do auto-governo (quando deixado à idade e à capacidade do educando), o sentido de responsabilidade, a promoção dos valores humanos e a selecção dos que se revelam mais capazes — tudo isto, realizado de uma maneira extremamente simples e animado por uma esclarecida formação religiosa, que não se impõe de fora, mas vai ao encontro dos apelos espontâneos mais ou menos latentes na alma dos jovens, fez do Padre Américo um grande mestre da pedagogia cristã.

Não é de esquecer a obra do doente incurável à qual ele deu o nome significativo de «Calvário». Um doente nestas circunstâncias corre o risco de ser considerado e de se considerar a si mesmo (se está em condições de o fazer) um ser inútil ao mundo.

O Padre Américo teve a intuição do valor do sofrimento sem esperança. Este é, para quem tem de o sofrer, um apelo e como que uma exigência de um outro mundo, onde possam ser compensadas as desigualdades e as angústias sem remédio que existem neste; e, para quem tem de o cuidar, o convite a um acto de fé permanente na presença de Jesus, escondido no

Continua na página 3



CALVÁRIO

Padre Baptista

Riqueza

OS homens estão habituados a chamar ricos àqueles que possuem bens, dinheiro, coisas em abundância.

E chamam pobres a todos aqueles que têm míngua desses bens — falta-lhes dinheiro, casa própria, muitas vezes emprego e, até, alimentos.

Ora, isto é a medida; a mais vulgar e universalmente aceite.

Mas há outras medidas pelas quais se pode chamar rico ou pobre a alguém. Muitos daqueles que possuem fortuna e para a sociedade são chamados ricos, são verdadeiramente pobres, porque egoístas. Sem generosidade, muitas vezes sem amigos, com uma vida vazia. Mas tantos daqueles a quem apelidamos de pobres, são muitas vezes ricos de valores.

Temos em nossa Casa muitos doentes que não possuem dinheiro e, por vezes, nem o conhecem, não têm família nem bens. Contudo, são verdadeiramente ricos usando outras medidas — a da generosidade, a da dedicação, a da perseverança na entrega às tarefas simples que vão realizando no dia-a-dia. Onde é que eu encontrava outra Maria José! Espantame o seu cuidado em levantar, logo de manhã, as doentes mais limitadas.

E não encontrava quem fosse mais diligente no apoio à cozinha.

Aqui, a riqueza é de outra ordem.

Alguns rapazes com limites intelectuais também dão cartas: trabalham no campo, na vacaria, nos pomares. A entrega é generosa e persistente.

O Jorge arranhou um cantinho na quinta e nele semeou umas batatas, já destinadas ao gado. Regou-as, arrancou-as e veio entregar sete sacos delas.

— Olhe que já semei abóboras. Levanto-me cedo para as regar. Qualquer dia já se podem colher!

Se os ricos fossem pobres como estes, a crise tinha solução mais rápida, por certo. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O fundamento da minha pregação no Algarve, este ano, nas comunidades cristãs que me abrem a porta, tem sido o cuidado com os Pobres.

Estes fazem parte da vida cristã, de tal maneira associados a ela, que, sem eles, esta não é autêntica.

O Senhor Jesus, anuncia-se como o Pão da Vida.

Ele com o Seu Corpo Total, envolvendo a humanidade, crente e não só, é o Pão da Vida Humana Cristã.

Somos por natureza, inclinados à compaixão com os sofredores e estes fazem parte das preocupações diárias de quem ama a Jesus Cristo.

Se é verdade que quem ama sofre, também é autêntico que quem não sofre não ama.

Não interessa falar da crise, que esta, não deriva de forma nenhuma da fé cristã, nem tornar culpas ao ambiente actual e muito menos desculpar-se de que há gente a aproveitar-se da crise. Todas estas questões passam ao lado, apesar de nos atingirem.

A nós cristãos, importa estar, na medida das nossas possibilidades, ao lado dos Pobres e por dentro dos seus problemas. Então sim, podemos dizer que nos alimentamos do Pão da Vida.

Assim, a Eucaristia é uma comunhão com os sofrimentos do Senhor, com todos os seus sentimentos, com Cristo Vivo, Ressuscitado e Presente, também nos mais pequeninos dos seus irmãos.

Como facilmente a fé se pode transformar em mera religiosidade, os Apóstolos, no seguimento de Jesus, começam logo a advertir que «a Fé sem obras é morta» e que «se não amas o teu irmão que vês, não podes amar a Deus que não vês».

A paixão por Jesus Cristo arrasta invariavelmente uma predilecção pelos Pobres. Estes, dizem os Evangelhos, foram sempre os seus preferidos.

A história da nossa fé está repleta destes exemplos. Quem é o Santo que não foi apaixonado pelos Pobres? Sim, onde está ele?

Este afastamento da vida real

leva a Igreja a criar estruturas que mascaram, em muitos lados, o zelo particular e pessoal de que o Pobre carece.

Aquela família de seis filhos, a quem demos uma casa, «por não ter riesto nem fiador», instalou-se num prédio de quatro andares.

Os condóminos, não têm nada a ver com a nossa boa acção. Cada apartamento deve pagar a sua quota. Não lhes pedimos licença para abrigar no seu prédio uma família desestruturada economicamente. Ela recebe o abono dos filhos e creio que também o subsídio de reinserção social. Porque não pagam o que devem aos seus parceiros do prédio? Porque deixaram cortar a água e, agora carregam-na em garrafões diariamente para as suas mínimas necessidades?

Eu bem sei porquê! Falta lá um grupo de cristãos que os apoie, que os visite, ao menos de quinze em quinze dias, sofra com eles a sua incapacidade, comungue da sua miséria e lhes dê o sentido da dignidade humana. Alguém que comungue o Pão da Vida. □

Pelas CASAS DO GAIATO

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

«**QUE NÃO SE PERCA UM SÓ DESTES PEQUENINOS**» (Mt. 18, 14) — O Evangelho do dia em que esta crónica está a ser escrita relata o episódio em que, à pergunta dos discípulos sobre quem é o maior no Reino do Céu, Jesus respondeu-lhes chamando um menino, falando-lhes, depois, sobre a necessidade de nos fazermos humildes e de não desprezarmos nunca os humildes porque esses é que são os maiores aos olhos de Deus.

Há quem possa considerar que as Conferências Vicentinas fazem muito pouco. É verdade que são “pequeninas”. Procuram estar atentas aos casos de necessidade dos “pequeninos” que vivem no seu território. Acodem muitas vezes com muito pouco, mas não deixam de andar por aí a cuidar, como podem, desses “pequeninos”, sem fazerem grande alarde da sua acção.

Em todas as nossas reuniões fazemos sempre a volta por todos para saber se surgiu algum caso novo a precisar da nossa ajuda. Podemos não ser nós a descobrir esses casos à primeira. Poderão ser outros que nos trazem esses casos porque sabem ao que andamos. Não faz mal. Estamos a fazer com que esses também tenham a sua oportunidade de serem Vicentinos.

Podemos, às vezes, não ajudar da forma mais adequada, mas pecar por omissão seria mais grave.

Podem uns fazer mais e outros fazer menos nas actividades da Conferência, mas chega sempre uma hora e uma maneira de cada um dar o seu contributo, por mais simples que possa ser.

Mesmo “pequenino”, ou melhor procurando ser “pequenino” no sentido em que Cristo o disse, é preciso um serviço assim, como o dos Vicentinos, em todas as paróquias porque a maior parte delas ainda não o têm. Haver muitas paróquias sem este serviço não é cristão. Não deixemos que se perca nenhum dos “pequeninos” que Deus puser no nosso caminho.

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □



A Casa-Mãe da Casa do Gaiato de Moçambique

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Estimado associado, pensámos fazer o nosso encontro de Setembro em São Pedro de Alva, local onde o Pai Américo começou, em 1932, as Colónias de Férias do Garoto da Baixa, que mais tarde viriam a originar as Casas do Gaiato. Teremos oportunidade de percorrer os primeiros lugares onde Pai Américo iniciou o exercício paternal. São Pedro de Alva é uma vila acolhedora e airosa, situada a cerca de 5 km, à direita do IC 6 de quem deixa o IP 3 na Raiva e segue na direcção da Covilhã/Oliveira do Hospital. Tem praia fluvial muito próxima, agradável e com bom espaço para convívio.

Marcamos encontro para o dia 16 de Setembro, às 11 horas, no largo da Junta de Freguesia. Lembramos a conveniência de levar farnel e equipamento de convívio aquático.

Estamos confiantes que vais gostar de marcar presença.

Só agora damos conhecimento desta actividade por quererem avançar com alguma informação sobre a celebração dos 125 anos de nascimento de Pai Américo, o que não foi possível de concretizar até à data desta comunicação.

Aproveitamos para dar conhecimento aos associados de que em Julho passado foram eleitos os actuais Órgãos Sociais. Quem estiver interessado em conhecê-los poderá consultar o nosso sítio na internet (<http://gaiatoscentro.no.sapo.pt>).

Quando tivermos dados concretos sobre a celebração dos 125 anos de nascimento de Pai Américo, daremos notícias. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — As férias escolares são uma boa altura para fazermos certos trabalhos na nossa Casa. Foi o caso da matança de dois porcos grandes e três carneiros. Foi uma tarefa difícil, em que os Rapazes pequenos deram uma ajudita, enquanto iam limpando as capoeiras e as cortes do gado. Com o tempo seco, foi-se regando o campo de milho-grão. A milharada, que secou ao Sol na terra dos grilos, foi enfardada. Cortou-se a rama das batateiras para depois se arrancarem as batatas.

FÉRIAS NA PRAIA — O segundo turno de Rapazes regressou a 14 de Agosto, depois de uns bons dias de férias, com o Bandarra na cozinha. Aos colaboradores e amigos que nos deram bens alimentares, os nossos vivos agradecimentos!

FÉRIAS COM PARENTES — Vários Rapazes tiveram a oportunidade de visitar alguns familiares seus, em Agosto, pois também é importante estar com os parentes, quando isso é possível...

ANO LECTIVO — Neste momento, à porta do próximo ano lectivo, há várias incertezas. Alguns Rapazes querem frequentar alguns cursos adequados a eles, mas continuamos à espera; mais, para os pequenos do 1.º Ciclo, que se têm de deslocar para o Centro Educativo, precisamos de transporte escolar. □

PAÇO DE SOUSA

Rui «Dimas»

PRAIA — Para uns, a praia é um lugar de descanso ou lazer, para outros um lugar de trabalho.

Aqui, em Casa, os rapazes, mais os pequenos, anseiam os dias de praia, depois de uma longa caminhada, quer na escola quer no trabalho.

O terceiro turno já está na praia há pouco mais de uma semana, é o turno dos «Batatinhas» os tais com paixão pela euforia.

OBRAS — Terminaram as obras do *hall* de entrada da nossa Aldeia; inserido nesse espaço, há uma beleza caracterizada pela pedra (granito) e a frescura da natureza.

Em relação à casa 4, em remodelação, já não tarda nada para que aqueles que lá irão habitar dizerem — ufa, que alívio!

PREPARAÇÃO DO ANO LECTIVO 2012-2013 — A nossa Casa, de um ponto de vista geral, tem vindo a crescer escolarmente e há livros que não acompanham os rapazes, porque estes avançam no tempo como uma máquina. De facto, são uma máquina; o sucesso escolar de cada um tem-se notado.

Sempre esperamos pelos livros novos, mas esse “novo” depende do proveito tirado dos livros, porque há rapazes que estão no Ensino Superior e não precisam assim tanto de livros; há aqueles que durante a passeata não se agarram a todos os livros; e, ainda, há aqueles que se mascaram de estudantes e que não dão uso a livro nenhum, como em todo o lado.

Aqui é tudo tão simples, reutilizámos os livros de anos

passados que não são usados e já como fazemos a mesma coisa com dádvas de mercearia, também o mesmo com os livros escolares. Aproveitando para poupar, ajudamos os outros e todos poupamos. É gratificante!

O próximo ano lectivo será um ano em que nos preparamos para o futuro.

LIMPEZA DA MATA — De ano a ano é feita uma pequena limpeza à nossa, não é que esteja muito suja, mas mais vale prevenir do que remediar, é sempre necessária uma limpeza, assim prevenirmo-nos de alguns acidentes. Já há alguns dias um grupo de rapazes tem ido, conforme a disponibilidade, fazer a dita cuja.

HORTA — O João foi em tempos um rapaz da Casa, hoje como funcionário agrícola, tem tido muitas dificuldades com parte das culturas. O tempo também não tem sido muito favorável para o cultivo, principalmente os tomates e os pepinos. O João não se rende ao tempo, ele não pára. Com o clima sempre indeciso, vai preparando as sementeiras de Inverno, a pensar já no Natal: as couves, as pencas, hortaliças, cenouras etc..

As nossas terras conheceram novas sementes, novas cores e novos sabores. Recentemente, cultivou-se Papaia, Fisália, Malagueta, Maracujá e Rosmaninho... tudo um conjunto que futuramente suas cores e flores darão um ambiente harmonioso. Muita semente morreu, mas há sempre ideias novas e uma tremenda vontade de dar vida a novos sabores. □

MOÇAMBIQUE

Américo Lucas Torres

Mês de Agosto, mês de férias para muitos amigos nossos. Alguns há mais de 10 anos que vêm passar alguns dias das suas férias connosco, a prestar os seus serviços, como é o caso do nosso querido *tio* Manuel que faz tratamento aos nossos dentes, e não só, como traz muita alegria para nossa Casa.

Uma grande aventura: no dia 5 de Agosto, o Dr. Ramiro, grande amigo

nosso, fez um passeio à Ilha de Inhaca com um grupo de dez gaiatos. Desfrutámos bastante e aprendemos muita Geografia fomos até a Ilha dos Portugueses.

Este ano temos acompanhado muitos casos de tuberculose, a fome, o desemprego e a falta de formação e sensibilidade das pessoas, deixam-nos tristes e inquietos. O nosso mano Augusto,

está há 15 dias nos cuidados intensivos do Hospital de Tuberculose. Depois de dois meses connosco, a tentar recuperar, encontra-se em estado crítico.

É tempo de ventania e as queimadas descontroladas têm-nos assustado bastante. Dia 12 eram mais de cem pessoas a tentar apagar o fogo pela nossa montanha. Graças à boa vontade dos nossos vizinhos, não fomos atingidos. □

SETÚBAL

Patrício Correia

INTRODUÇÃO — *O Patrício, que chefiou o primeiro turno na casa da Arrábida, fez o seu relato, o qual não chegou a ser publicado em virtude de se ter perdido o e-mail.*

Embora ele trate dos mesmos assuntos que eu já referi, fá-lo de forma pessoal, à sua maneira, e com detalhes próprios, que acho bem ser publicado:

AS NOSSAS FÉRIAS — Foi no dia três de Julho que regressamos mais uma vez à nossa casa de férias. Desta vez, foram apenas os que não pertencem à futura banda da Casa do Gaiato, sim uma banda, os nossos rapazes estão a formar uma banda, e alguns já têm os seus instrumentos, outros ainda têm que esperar, mais um pouco. A ansie-

dade é muita, espero que um dia venha a dar bons frutos, e que tenhamos grandes músicos, pois nunca se sabe se um grande músico não vive mesmo ao nosso lado. Mas não é sobre a banda que pretendo falar, quero contar-vos como estão a correr as nossas férias na nossa casa.

Quando chegamos encontramos o nosso palácio de férias mais limpo e fresco do que nos outros anos, foi pintada e renovada. Eu, Patrício Correia fui destinado para chefiar este grupo, não são muitos, mas o suficiente para que estas férias também sejam inesquecíveis. A primeira noite foi bem dormida, pois entre as árvores que nos rodeiam, o vento trespassa lentamente as folhagens. A boa disposição não faltava ao pequeno-almoço. Organizamos

as coisas e alertamos os que estão aqui pela primeira vez, pois em qualquer lugar que estejamos o perigo está sempre à espreita.

A praia tem estado um espectáculo, apesar de a água estar um pouco fria, até serve para refrescar as ideias.

Já passaram três semanas desde que aqui estamos. Fazendo um breve resumo aposto que não irei esquecer estas férias apesar dos rapazes fazerem algum barulho, acho que é normal, faz parte do crescimento para afinar as cordas vocais. Mas à noite o reinado deles termina, chega o silêncio e começa a imperar. É assim que passamos as nossas férias. Viver em família e amarmos-nos uns aos outros como irmãos, só assim podemos crescer e ser grandes homens no dia de amanhã. □

LAR DO PORTO

Casal vicentino

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vou dar notícias daqueles que o Senhor pôs no nosso caminho:

A mãe dos sete filhos e uma netinha, anda muito aflita, porque cada vez tem mais despesas, como agora com a neta que o pai não reconheceu como filha e, assim, é a avó quem tem de arranjar as coisas. A menina tem um problema de pele e tem necessidade de usar uns cremes — que são caros e não têm desconto — e a avó tem muita dificuldade em comprá-los.

A mãe da bebé vai agora, em Setembro, acabar o curso que andava a tirar. E ainda agora, retiraram-lhe dinheiro ao rendimento mínimo e é como ela diz «se tinha dificuldades antes, agora é muito pior». O que lhe vai valendo,

é uma senhora de Lisboa que nos vai mandando um cheque — que nós vamos dando para abater a conta da água — que lhe havia sido cortada, mas por pouco tempo, pois ficou acordado dar-se, todos os meses, uma quantia para abater à dívida que neste momento é grande, mas temos fé que Deus vai tocar no coração dos nossos Leitores.

O filho mais velho foi chamado para a tropa, que o Senhor o encaminhe. Outro filho, anda a tirar um curso de mecânico. Ele está a gastar muito. Os mais pequenos estão bem, tanto de saúde como na escola — passaram todos com boas notas.

A mãe dos quatro filhos e três netas, a cabecinha dela anda cada vez pior, nós temos pena das crianças que sofrem.

Ainda andámos a ver se conseguíamos um sítio para passarmos umas férias, que eles, coitados, bem precisam de mudar um pouco de ambiente.

Nós continuamos a dar-lhe a mercearia e as fraldas, e assim as crianças sempre têm alguma coisa para comer.

CAMPANHA TENHA O SEU POBRE — D. Helena manda-nos trezentos euros. Muito obrigado.

Em nome daqueles que são ajudados o nosso bem-haja.

O nosso NIB:
00100004417802000158.

O nosso endereço:
Conferência de S. Francisco de Assis
Rua D. João IV, 682
4000-299 Porto. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Fraternidade

A Fraternidade entre os rapazes é dos grandes valores que a convivência familiar da Casa do Gaiato faz brotar na alma de cada um deles.

Sei que muitas vezes há rixas, ao longo dos dias e dos anos, mas cimenta-se na maior parte deles, uma admirável ligação afectiva.

Durante o ano lectivo 2010-2011, o chefe arranhou trabalho e saiu para junto de um irmão, deixando, repentinamente o lugar vago.

Sem eleições, nem grande preparação foi tomando o seu lugar um rapaz que prometia exercer as suas funções com algum brio e sentido de responsabilidade, ganhando, assim, a nossa confiança.

Com alguns percalços, próprios de quem é novo, a vida foi correndo e nós fomos corrigindo com mais ou menos dificuldades, cada um deles, na expectativa que a maturidade trouxesse solidez.

Não acontecendo a referida maturidade, o chefe resolveu retirar-se, após um período de quinze dias, em reflexão.

A Casa tem uma porta muito larga para a saída, mas ela estreita-se para a entrada, ou melhor, esta porta é

figurada, pois a Casa do Gaiato de Setúbal, nunca teve nem porta nem portão.

É muito fácil sair, mas torna-se difícil entrar, em certas idades.

Este rapaz já com mais de dezoito anos e mais de um fora de Casa, vem implorar-me o seu regresso.

Alegrei-me com o seu pedido e, nestas ocasiões encontro-me com a parábola de Jesus e a alegria do Pai pelo retorno do filho.

No coração a porta abriu-se com júbilo, mas na comunidade de setenta há que ter cautela.

— *Sim, podes contar comigo e com a casa, mas lá fora!*

Ele quer e precisa de tirar um curso superior que lhe garanta uma vida digna, pois sofre de uma grave dificuldade no braço e mão direita.

Dei-lhe algum dinheiro, mas o rapaz saiu murcho.

Foi ter com o padrinho, que era chefe quando ele, sendo ainda pequeno, o escolheu para responsável do seu baptismo.

Hoje, é um homem com a vida estabilizada na sociedade e bem colocado no trabalho.

Vem muitas vezes à nossa Casa para nos ver e se alegrar connosco. A sua mulher, muito responsável tem vindo, quando necessário, prestar-nos serviços da sua espe-

cialidade, gratuita e jubilosamente. Ainda há poucos dias nos vieram cumprimentar.

O Fernando aparece-me, inespereado e ofegante, a dizer-me:

— Preciso de falar consigo.

— *Então o que é?*

— *Sabe que fulano é meu afilhado e eu ando muito apreensivo com a situação dele. Venho pedir-lhe que o receba de novo, se não, ele não se safá.*

Combinámos então que ele fosse à linha de Cascais averiguar se o pai o havia realmente posto fora de casa, por ele não poder trabalhar, conforme o relato aflitivo do moço.

O padrinho — que foi chefe muito tempo em Casa e sabe bem como é fácil os rapazes acomodarem-se — virá à comunidade, implorar o regresso do seu afilhado e responsabilizá-lo pelo peso negativo da sua atitude anterior.

Depois de recomendar carinhosamente cuidado com o meu esforço e saúde, o Fernando lá foi, prevendo no fim do mês vir jantar connosco e advogar a causa do afilhado perante a comunidade.

Como me adoçou a alma a inquietação do padrinho com o seu afilhado. Riquezas que a vida familiar gera espontaneamente numa Casa do Gaiato. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Securas do tempo

Nascente, dos lados de Serpins, elevaram-se extensas colunas de fumo, ofuscando a limpidez do céu. Isto tem acontecido em manchas negras noutras regiões, deixando rastros de desolação; pois, enquanto se corre para o litoral, na estiagem, parece que os montes ficam a saque e, em detrimento da vegetação autóctone, crescem eucaliptais nas serranias.

Com este resto de gente pobre, não queremos passar da margem da grande torrente eclesial. Também sentimos alguns sinais da Graça, sem deixar de esgravatar como as galinhas do campo pelo pão de cada dia. O Senhor eucarístico, *escondido*, caminha com o seu Povo na missão e não é propriedade particular.



Deste modo, alguns Rapazitos, depois de salutares dias de descanso à beira-mar, vão-se agachando e deitando as suas mãozitas nalgumas plantações da época. É um magote deles, em que se escuta com galhardia: — *Eu já fiz as minhas leiras!* No milho, que vai exigindo água a tempo e horas, mesmo assim a secura fez das suas, pois algumas maçarocas ficaram queimadas nas pontas e não se desenvolveram como seria de esperar.

À beira destes caules, refrescados pela sua verdura, transportámo-nos à dependência nacional e de meio mundo deste valioso cereal que muito se cultivava nas Américas e tem sofrido uma severa seca, relacionada porventura com alterações climáticas. Teme-se outra crise alimentar e mais instabilidade nos Países pobres. Porém, há pseudo-progressos que negligenciam a exploração equilibrada do solo e do mar, fundamental para um desenvolvimento sustentado. Nalgumas regiões do nosso País, é de saudar algum regresso à terra, motivado até pelo desemprego, pois não é de menosprezar o amanhã familiar.

Quando a garantia de trabalho é uma miragem para muitos activos da população, não é despiciendo transmitir aos filhos os méritos dos serviços simples. Constatamos que a frequência escolar generalista não vai motivando cabalmente muitos alunos, em especial problemáticos. Se é de procurar não isentar de ocupações os mais novos, à medida das suas idades e capacidades, bom seria que se fossem extinguindo privilégios imerecidos de certas fidalguias que sugam o erário público. É errónea a não isenção de taxas, nos cuidados de saúde, em adolescentes como os nossos, alguns deles com consultas indispensáveis. Para o Mestre, *os filhos estão isentos*, de impostos. Contudo, mandou-os pagar por ele e por Pedro, para que a justiça não seja palavra vã.

Se acontece, por vezes, sermos remetidos ao silêncio, na sombra dessa secura, não ficamos parados, pois há friestas de onde irradiam luzeiros para as jornadas. Algazarras há por aqui todos os dias. As jornadas mais apetezadas pela garotada são os merendeiros, de partilhas, que se vão estendendo aos seus olhos cintilantes, em fila ao monte, em que os primeiros querem *acaçar* os nacos mais vistosos. Uma escadinha, que se tem aplicado e vai regressando com os pés e as mãos cheios do pó da terra, sobe da meia dúzia à dezena de anos; o que pode espicaçar mentes subsídio-dependentes. Reclamar direitos sem obrigações, desde cedo, frustrará planos da juventude, presa fácil nas queimas de dependências destruidoras.

Nesta encruzilhada civilizacional, não será prudente construir torres elevadas, até a nível social e eclesial. Há irmãos nossos, à espera, com esperança, como o Maniche, na grande urbe e com patologia na faringe. Elias recebeu, no deserto, *pão e uma bilha de água*.

Nada nos perturbará a fundo, se acreditarmos que a nascente que jorra do lado aberto de Cristo vai inundando a terra. *Os seus frutos servirão de alimento e as suas folhas de remédio*. Choveu durante esta noite e pela aurora um bando de andorinhas delicia-se, gritando com os primeiros raios de Sol! □

Os Sacerdotes que trabalham na «Obra da Rua» orientam-se por alguns princípios: antes de mais, por aqueles que se encontram consignados nas páginas do Evangelho e os que a sabedoria da Igreja daqueles deduziu.

Dada, porém, a sua missão específica, regem-se também, no exercício desta, por normas que foram colhidas no contacto pessoal e na meditação dos escritos do Funda-

dor, tendo muitas dessas normas a própria redacção literal dele.

Pelo presente documento, como Ordinário do lugar a cuja jurisdição pertencem os actuais «Padres da Rua», aprovamos e abençoamos essas normas, a título de experiência.

Qualquer modificação que esta venha a aconselhar, ser-nos-á antecipadamente proposta para a devida aprovação.» □

BODAS DE OIRO

Padre João

NO sábado passado fui concelebrar as bodas de ouro matrimoniais de um casal amigo de há longos anos que, embora vivendo em Lisboa, as quis celebrar na mesma aldeia em que deu o enlace sacramental, único e definitivo. Nenhum outro lugar mais adequado... Era uma aldeia da Beira Baixa raiana que, vista ao longe, perdida na imensidão da campina da Idanha mais parece um castro medieval...

Foi numa paróquia da capital que, há largos anos, nos conhecemos. O filho mais novo frequentava o grupo de acólitos da paróquia na qual eu estagiava pastoralmente ao tempo no Seminário dos Olivais.

Ficámos amigos desde então. O filho mais novo acabou por entrar no seminário, tendo feito um percurso formativo até ao fim da teologia. Mais tarde acertou a sua vida pelo caminho do Matrimónio. Entretanto formou-se em filosofia, casou com uma arquitecta, é professor e pai de dois rapazes.

Foram eles, pai e filhos, que coordenaram a cele-

bração jubilar, intervindo nas várias partes da missa e do ritual, de forma elevada e mui digna. O sacerdote que presidiu à celebração foi um seu antigo colega de seminário agora pároco daquela aldeia.

Enquanto decorria a celebração e sem me afastar do “núcleo”, a minha memória centrava-se nas vidas concretas destes pais, filhos e netos: como o mistério da Igreja é um Mistério de família e de comunhão que o amor matrimonial tão inequivocamente exprime na história da humanidade...!

Quando o padre Zé me pediu uma palavra, no final da missa, foi isso mesmo que disse. O amor tão exemplarmente vivido na humildade laboriosa da vida destes esposos, pais e avós, tem a configuração do lar e o sabor do pão repartido na mesa da família; um sabor eucarístico!

Tal amor, assim, fiel e santo, não pode deixar de ser senão um amor eterno! Aqui e agora: um verdadeiro catecismo. Um tesouro para a eternidade. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

corpo do doente incurável. Toda a compreensão humana se encontra arredada desta tarefa. Por isso a obra do «Calvário» constitui a expressão mais pura da fé do Padre Américo e dos seus continuadores.

Nunca o Padre Américo, no trabalho de amparo e socorro aos Pobres, quis fazer obra que fosse «sua». Ele sabia-se um Sacerdote da Igreja, inserido na Igreja, servindo em nome da Igreja.

Nas horas mais importantes da sua missão de bem-fazer, com admirável espírito de fé, ele procurava a palavra de ordem da Igreja — e a Igreja era primariamente o seu Bispo. Não foi só nos escritos que ele repetia a palavra de Santo Inácio: *Nihil sine Episcopo*; foi, antes de mais, nas suas atitudes e nos seus gestos.

Daí lhe vinha a «segurança» e a autenticidade do seu apostolado.

Este é o selo das obras que não morrem.

A «Obra da Rua» continua viva depois da morte do seu Fundador.

A evangelização dos Pobres, designadamente da criança abandonada, que o Espírito Santo lhe inspirou como sua missão específica, apaixonou, a exemplo seu, muitas almas de Seminaristas e Sacerdotes.

Mesmo daqueles que não puderam segui-lo, porque destinados pelos seus Bispos a outras tarefas, ganharam com o seu contacto e com a leitura desse Jornal, único no género, que se chama «O Gaiato».

Mas alguns puderam segui-lo mais de perto, e, depois da morte, tomaram nas mãos, fiéis ao espírito do Fundador, a herança transmitida. São Sacerdotes diocesanos, que, sem deixarem de estar incardinados nas suas Dioceses e continuando unidos pelos laços de obediência e caridade aos seus Bispos, receberam a específica missão de evangelização dos Pobres. Por eles a Igreja quer estar presente

no mundo dos nossos irmãos «mais caídos e mais abandonados, nomeadamente a criança sem família ou em perigo moral e o doente incurável».

A esta missão deu o Fundador o nome de «Obra da Rua», a qual tem personalidade jurídica no foro canónico e civil.

Os sacerdotes que, com permissão dos respectivos Prelados e seguindo o chamamento especial de Deus, se encontram ao serviço da «Obra da Rua» constituem uma família, ligada entre si pelos laços da caridade fraterna e pelo objectivo comum que constituiu a vocação específica do Fundador. Porém, para mais facilmente atingirem o fim a que foram chamados, elegem entre eles o seu Superior, a quem ficam vinculados pela virtude, embora não pelo voto, de obediência.

O Superior legitimamente eleito é confirmado pelo Ordinário do lugar onde se encontra a Casa-Mãe.

MALANJE

Padre Rafael

«... e ordenou-lhes que não levassem nada para o caminho»

RECORDO que a última vez que regresssei de Espanha, estava tão preocupado com todas as coisas que devia trazer para Angola, que me esqueci das vacinas para a viagem.

Quando vou a Portugal, não me acontece, porque simplesmente levo uma bolsa de mão.

Já havia tomado a decisão de ficar em Luanda, para resolver o problema do visto do Fausto, quando me chamaram de Malanje. Disseram-me que o camião tinha avariado. Depois de pensar muito, pedi ao nosso gaiato, Zé da Fisga, que nos emprestasse um camião para reboarmos o nosso. Viajamos todo o dia e passamos toda a noite a carregar o camião. Eram 9 da manhã quando chegámos à Casa do Gaiato.

Que me perdoe a Embaixada Portuguesa em Angola, porque não posso entender como se dão vistos em menos de dez dias e para um menino enfermo, com dois temores cerebrais e um princípio de hidrocefalia, leva mais de um mês a espera. Digo-o porque somos a Obra do Padre Américo e eu, por lhe pertencer, também me sinto um pouco português. Perdoem-me por me meter onde não sou chamado, mas não acham que nos envergonhamos do nosso País com este tipo de injustiças?!

Além disso, continuamos a lutar incansavelmente

por demonstrar, com pequenos gestos, que vale a pena seguir Jesus, a partir das nossas fraquezas.

Na passada segunda-feira, 16 de Julho, celebramos o dia de Pai Américo e o primeiro aniversário sacerdotal do nosso Padre Quim. Este ano temos dois rapazes no Seminário: Luís e Adão Antunes... oxalá o Senhor os ajude a discernir e com Sua força possam servir a Igreja no Ministério Sacerdotal.

No próximo Domingo, um grupo dos nossos rapazes vai receber a Primeira Comunhão e a Confirmação. Este fim-de-semana tiveram um Retiro onde aprofundaram sobre o compromisso que supõe ser discípulo de Jesus e aproveitaram para celebrar o Sacramento da Reconciliação. Perdoar para ser perdoado... uma tarefa sempre presente.

Terminamos uma daquelas semanas em que é a própria vida que se coloca perante nós para nos confrontar se, em verdade, queremos continuar a seguir em frente.

Despeço-me com um grupo de «Batatinhas» a ver como escrevo no computador e a contar-me como o «Pesadelo» bateu com uma cana no nariz do «Soneca», quando brincavam no jardim.

O sino tocou para o jantar e todos os pequenos que rem que os acompanhe ao refeitório. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

VOU deixar de escrever para O GAIATO, pois estou convencido que ninguém lê o que vem de Moçambique. Há muito que não aparece quem se condoa com a situação desta Casa. Mais uma vez vai o recado: Pelo correio nunca; só pela Caixa Geral de Depósitos para o BCI, Obra da Rua-Casa do Gaiato de Maputo, conta nº 600 4592 10. 05, swift CGDIMZMA.

Ando na cidade um e dois dias por semana. É raro trazer uma ajuda das muitas pessoas que já abordei. Nem sequer um Deus o ajude, para me consolar dos passos cansados. Ai que se eu tivesse menos vinte anos e as coisas fossem como hoje, hesitaria muito como e onde fazer a Casa do Gaiato. Procurei desde o início ser um testemunho evidente do amor de Deus. Não estou arrependido de nada.

Vivemos ao nível do povo moçambicano que é lançado fora da estrada do progresso pela gula dos grandes negócios. Ninguém dá ouvidos aos gemidos dos inocentes, mesmo quando eles vão parar às cadeias superlotadíssimas. Não há dinheiro para novas instalações penais, nem pessoas para organizar processos e fazer julgamentos. Há casos que, só por muito mediáticos, vão a Tribunal. E fazer cadeias são projectos interessantes para os parceiros internacionais subsidiarem, aqueles que se preocupam com os direitos humanos. A tais alturas não chegamos, porque tudo passa pelo funil do Governo.

Também nós somos julgados nestas circunstâncias. Notícia da vinda de um ministro, que não chega a vir, ou outro só depois de vários adiamentos. Só para conhecer, não para ajudar. Outros visitantes, por curiosidade turística, só para ver. Deixam-nos a sensação estranha de que alguma coisa está mal de nossa parte ou deles.

Vamos remando num mar de papéis. Projectos e mais projectos, correcções e esperas no vazio. Só Deus não nos larga da Sua Mão

carinhosa, porque acreditamos fortemente que todo o sofrimento é purificação e vitória. Digo purificação, porque em tudo há corrupção. Se procuramos algum benefício temos de aceitar as leis de mercado: dou para que dê. Saber oferecer, para ganhar. Fátima é um paradigma. Mas Deus não vai por aí. Dá antes que mereçamos, e quanto menos nos dá neste, mais nos reserva no outro. A Elias fê-lo andar no deserto dias e dias e só lhe deu água e pão que os corvos traziam. Já antes esteve três anos a farinha e azeite que foi multiplicando na panela e na almotolia da viúva pobre que o acolheu, para escapar à morte. Por dizer o que dizia. Se no Antigo Testamento assim foi, no Novo, a Palavra do Pai diz tudo: dou-vos o exemplo para que façais como Eu fiz. Cada vez mais sinto ternura pelos meus rapazes. Os mais pequeninos encantam-me, como os mais velhos

que saem com eles do refeitório ao colo. Os que estão fora vêm beijar-me, quando aparecem no fim de semana. É por ser velho, já sei, mas conforta.

Há em mim um sentimento, que não quero chamar de revolta, por sermos espoliados da água da conduta. Quando o Governo verborreia o combate à pobreza absoluta, só Deus sabe e nós, a falta que nos faz a água que agora vai para altos funcionários e amigos. Aliás dizia há pouco um jornalista que não foi avante o tribunal contra a corrupção na África austral porque os governantes são amigos ou até do mesmo sangue. Tudo é um negócio entre amigos. Em Fátima a Igreja falou da maratona do amor. Por duas vezes, na história, foi saqueada dos bens, bens do povo cristão. Porque não fazer também uma limpeza de igrejas, palácios e propriedades em favor dos Pobres? Não é caso inédito, porque já foi feito por muitas Dioceses, no Brasil D. Hélder foi um pioneiro, mas sempre um rejeitado. □

SINAIS

Padre Telmo

DE novo a caminho de Malanje-Angola. Os últimos raios de sol entram pela fachada de vidro no átrio da porta doze.

Os passageiros sentados nos cadeirões treinamos o dom de esperar. Quase, unicamente, Portugueses. Não vamos à conquista de terras... Mais, à procura de pão.

Os nossos antepassados sulcavam os mares na descoberta de Mundos; nós, pelas nuvens, na incerteza dos céus.

Eu levo pão que vai num contentor em barco. Ainda este bom povo português me ajuda no sustento de 130 meninos na nossa Casa do Gaiato de Malanje. Graças.

Sumiu o sol, passou a noite, cheguei às cinco da manhã. Uma senhora "polícia" tirou-me da fila para ser atendido. É a velhice. Na revista das malas, que seguisse.

Catete e Francisco esperavam

lá fora. Nem frio, nem calor. Nas ruas, muita calma.

Luanda cresceu. No nosso lar de estudantes saiu do armário a cafeteira do café. Eles sabem que gosto de um cafezinho... são uns amores estes nossos estudantes. Sinto muita alegria com o seu aproveitamento escolar. Nove já se formaram. Sete, estudam.

São eles que fazem as limpezas, lavam a sua roupa e cozinham. Hoje o arroz com feijão estava uma delícia. Parabéns, Francisco. Que filhos amorosos.

Depois apareceram dois gaiatos, que trabalhavam numa carpintaria e foram despedidos, a pedirem a renda da casa para o fim do mês.

Vou primeiro a Malanje ver se há algo no fundo do tacho.

Sinto que os devemos amparar. Somente o pão, quando pequenos, não basta. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Ecos da nossa vida

QUEREMOS que os ecos da nossa vida cheguem aos ouvidos do vosso coração. Há uma pergunta, quase sacramental, que nos é feita por quem nos visita. É esta: Como é possível manter a vida na vossa Casa do Gaiato? Donde vêm os recursos materiais para a vossa sobrevivência? Diante da realidade que os olhos vêem, esta pergunta é natural. Permanece escondida, contudo, a outra parte substancial que é constituída pela multidão humana, de fora, que vive do que temos e damos. A resposta sai espontaneamente: Vivemos das esmolas que nos dão. A grande porção vem do povo de Portugal para quem as Casas do Gaiato são a menina dos seus olhos. A mensagem de Pai Américo entrou tão profundamente nos corações que permanece muito viva para que não falte a ajuda necessária à Obra que nos deixou. Por isso, o Povo de Portugal, através da mãe que está no seu meio, a Obra da Rua, também ajuda as filhas, as Casas do Gaiato, que estão noutros povos. Lembramo-nos, muitas vezes, das mães que levam os seus bebés às costas, como é hábito, nestas terras de África. Quando o filho ou filha tem fome começa a chorar. A mãe dá-lhe meia volta e põe-na a mamar nos seus peitos. Assim acontece connosco. Quando temos fome, isto é, quando não temos o necessário para a nossa vida, recorremos à mãe, o povo de Portugal, através da Obra da Rua. Esta é a ajuda substancial, sem a qual não será possível a nossa sobrevivência. Nesta linguagem simples e popular está expressa a verdade do que se passa connosco. Outras ajudas, autênticas pedras preciosas, vêm criar novas possibilidades. Quem dera nunca falte a generosidade, dentro do que for possível a cada coração!

Desci, há momentos, as escadas, porque alguém estava a bater à porta da entrada. Quem era? Uma mãe, relativamente nova, acompanhada da sua filha, vinha pedir ajuda para o tratamento da doença muito grave que traz consigo. Meu Deus! Veio de tão longe, de mais duma centena de quilómetros. Porque buscou a Casa do Gaiato? Foi a esperança de ser acolhida e atendida.

Iremos juntos ao hospital para ver o que, na verdade, se passa. O que nos contou é chocante e não é possível um tratamento desumano. Por isso, vamos tentar fazer o que for possível para salvar esta mulher e mãe.

Outras situações semelhantes acontecem diariamente. É absolutamente necessária a disponibilidade de tempo e financeira, também. Outra visita consoladora aconteceu à hora do nosso almoço.

Uma mulher, ainda jovem, a trabalhar numa empresa dedicada a negócios de ordem técnica, veio oferecer uma ajuda alimentar, em nome dos seus companheiros de trabalho e da própria empresa. Viu, com seus próprios olhos, o refeitório com as mesas postas e os respectivos comensais, desde os mais pequeninos, com cinco anos, aos mais velhos com mais de 21 anos. A vida da nossa Casa do Gaiato é tecida com os momentos do vosso grande amor em comunhão muito íntima com o nosso amor. Não é possível manter o coração levantado e a cabeça erguida, sem a força vital que jorra desta fonte.

Aconteceu há três dias. Acompanhado por dois rapazes, fomos à padaria, à busca do pão para comermos. No passeio da rua, quando parei a carrinha, vimos um pequeno sentado, meio prostrado, muito triste e esfarrapado. Demos-lhe a mão e ficou de pé. Falava muito pouco e com dificuldade. Disse que o pai e a mãe já morreram. Dormia na rua e comia alguma coisa do que as pessoas lhe davam. Na verdade, tinha uma cara de quem passa fome. Algumas pessoas juntaram-se, em redor, presenciando a cena. Abri a porta da carrinha, entrou e veio para a nossa Casa do Gaiato.

Foi um momento maravilhoso, na medida em que este menino encontrou a porta da salvação. Estava perdido, abandonado, sem registo e sem escola. Era como o lixo da rua, trazendo um autêntico tesouro escondido no seu coração.

Está aqui o valor da actividade das Casas do Gaiato, enquanto testemunhas, perante a sociedade, dos valores maiores da vida humana, escondidos nestes filhos abandonados. Este acontecimento é um agulhão a despertar-nos do sono malfeitor do nosso egoísmo, da nossa indiferença. Buscamos a felicidade? Onde está? Não tem outra fonte senão a partilha, o dom do que nós somos e temos, até onde pudermos.

Falei da riqueza escondida na vida deste menino abandonado. Já está a ver-se na sua alegria, na convivência com os outros irmãos. Pequenino ainda, mas começa a sentir-se realizado, porque encontrou o que mais precisava: o amor familiar na Casa do Gaiato.

Quem dera o eco da nossa vida, espelhada neste acontecimento, chegue aos ouvidos do vosso coração. Queremos ser pessoas boas? Que coração temos? A pessoa identifica-se com o seu coração. E o amor é o símbolo do coração. □

PENSAMENTO

Pai Américo

São assim as leis que os homens fazem, que discutem com parágrafos e alíneas e o mais que diz respeito à sua ignorância. Ora o Decálogo não se discute. Quem o cumpre e ensina, é grande. Quem finge ignorá-lo, é mínimo. Grande e mínimo, no sentido moral e eterno!

in Doutrina, 2.º Vol.